



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 08/04/2016 a 14/04/2016

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ e Tecnóloga em Processos Gerenciais - UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
08/04/2016	9,16	273,70	33,94	4,60	3,62
11/04/2016	9,28	280,10	33,90	4,47	3,56
12/04/2016	9,36	285,10	33,69	4,52	3,62
13/04/2016	9,55	292,70	33,96	4,61	3,73
14/04/2016	9,48	290,10	33,69	4,59	3,74
Média	9,37	284,34	33,84	4,56	3,65

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais* (compra e venda)
no mercado de lotes brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	71,95	1,27
RS - Santa Rosa	71,05	0,71
RS - Ijuí	71,05	0,71
PR - Cascavel	71,20	0,14
MT - Rondonópolis	65,92	0,49
MS - Ponta Porá	62,90	1,45
GO - Rio Verde (CIF)	66,30	1,38
BA - Barreiras (CIF)	67,80	1,65
MILHO		
Argentina (FOB)**	180,00	2,74
Paraguai (FOB)**	150,01	-4,15
Paraguai (CIF)**	170,30	0,77
RS - Erechim	51,55	1,38
SC - Chapecó	51,20	4,81
PR - Cascavel	48,20	1,80
PR - Maringá	48,80	2,74
MT - Rondonópolis	40,35	5,08
MS - Dourados	44,15	1,03
SP - Mogiana	48,70	-1,32
SP - Campinas (CIF)	51,30	-3,39
GO - Goiânia	48,50	1,46
MG - Uberlândia	45,30	-0,33
TRIGO		
RS - Carazinho	690,00	0,00
RS - Santa Rosa	690,00	0,00
PR - Maringá	790,00	0,00
PR - Cascavel	790,00	0,00

*Período entre 08/04/2016 a 14/04/2016

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 14/04/2016**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	41,09	67,52	33,63

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
14/04/2016**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	40,38
Feijão (saco 60 Kg)	151,32
Sorgo (saco 60 Kg)	32,85
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,17
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	0,95
Boi gordo (Kg vivo)*	5,32

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND: Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja subiram fortemente nesta semana, antecedendo o relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 12. O bushel bateu em US\$ 9,55 no dia 13/04. Após, ajustes técnicos e tomada de lucros reduziram as cotações e o fechamento desta quinta-feira (14) ficou em US\$ 9,48/bushel. Vale destacar que, diante do comportamento desta semana, que consolidou o rompimento do teto dos US\$ 9,00, o bushel da soja, para o primeiro mês cotado, em cerca de um mês e meio ganhou ao redor de um dólar, já que em 1º de março esteve cotado em US\$ 8,50.

Na prática, o mercado estará puxando as cotações para cima em buscando influenciar os produtores a aumentarem a área semeada, já que o relatório de intenção de plantio acusou uma redução de 1% na mesma. Isso porque o relatório de oferta e demanda não pode ser considerado baixista. O mesmo manteve o volume de soja da safra passada nos EUA, um recorde de 106,93 milhões de toneladas. Reduziu levemente os estoques finais estadunidenses para 2015/16, com os mesmos ficando agora em 12,1 milhões de toneladas, contra 12,5 milhões em março. Ajustou a projeção dos preços médios aos produtores dos EUA para o corrente ano comercial, com os mesmos se estabelecendo entre US\$ 8,50 e 9,00/bushel, contra a média de US\$ 10,10 um ano antes e US\$ 13,00 em 2013/14.

Em termos mundiais, o relatório manteve a produção global em 320,2 milhões de toneladas, aumentando levemente os estoques finais para 2015/16 a 79,02 milhões de toneladas. A produção do Brasil foi mantida em 100 milhões de toneladas para o corrente ano, enquanto a da Argentina foi elevada para 59 milhões de toneladas. A demanda chinesa, via importações, ficou em 83 milhões de toneladas, ganhando um milhão de toneladas em relação a projeção de março.

Afora isso, a elevação nos preços do petróleo no mercado mundial e a fraqueza do dólar diante de outras moedas, inclusive o Real, foram positivos para o mercado. O aumento do petróleo puxa os preços do óleo de soja, cuja libra-peso em Chicago voltou a trabalhar ao redor de 34 centavos de dólar durante a semana. Esse valor não era visto desde o início de junho de 2015. Em 18 de setembro passado, por exemplo, a libra-peso chegou a ser cotada em apenas 26,05 centavos de dólar. Portanto, o ganho em valor, nestes últimos quase sete meses é de 31% aproximadamente. Até mesmo o farelo, que vinha apresentando um comportamento muito baixista em suas cotações, acabou se recuperando nesta semana, batendo em US\$ 292,70/tonelada curta em Chicago, no último dia 13/04. Tal valor não era registrado desde a segunda semana de novembro passado. Por sua vez, o recuo do dólar oferece mais competitividade às exportações estadunidenses, especialmente diante da soja brasileira, cujo Real voltou a se valorizar durante a semana, atingindo a R\$ 3,48 em alguns momentos.

Por outro lado, as exportações líquidas dos EUA, em soja, para o ano comercial 2015/16, alcançaram 420.400 toneladas na semana encerrada em 31/03. O volume é 2% superior à média das quatro semanas anteriores.

Somou para o quadro altista o excesso de chuvas no sul do Brasil e na Argentina, o que estaria atrasando a colheita, particularmente no Rio Grande do Sul e nas regiões produtoras do vizinho país.

Pelo lado da demanda, boas notícias procedentes da China também animaram o mercado. As exportações gerais do país asiático cresceram 11% em março, dando ideia de que a economia do país, mesmo com um recuo em seu crescimento, se mantém aceitável para os padrões locais, diante do novo modelo econômico praticado. Nesse sentido, em março os chineses importaram 6,1 milhões de toneladas, com um aumento de 36% sobre igual mês de 2015 e contra 4,51 milhões importadas em fevereiro. Assim, no acumulado do primeiro trimestre de 2016 as importações chinesas atingiram a 16,26 milhões de toneladas, com aumento de 4%. Desse total, os chineses compraram 8,51 milhões de toneladas do Brasil, ou seja, 52,3% do total importado. Já o Brasil vendeu para os chineses 79% do total exportado em soja no primeiro trimestre (10,8 milhões de toneladas). Vale destacar que as exportações de soja em grão, por parte do Brasil, no primeiro trimestre deste ano cresceram 65,1% sobre igual período de 2015 (cf. Safras & Mercado).

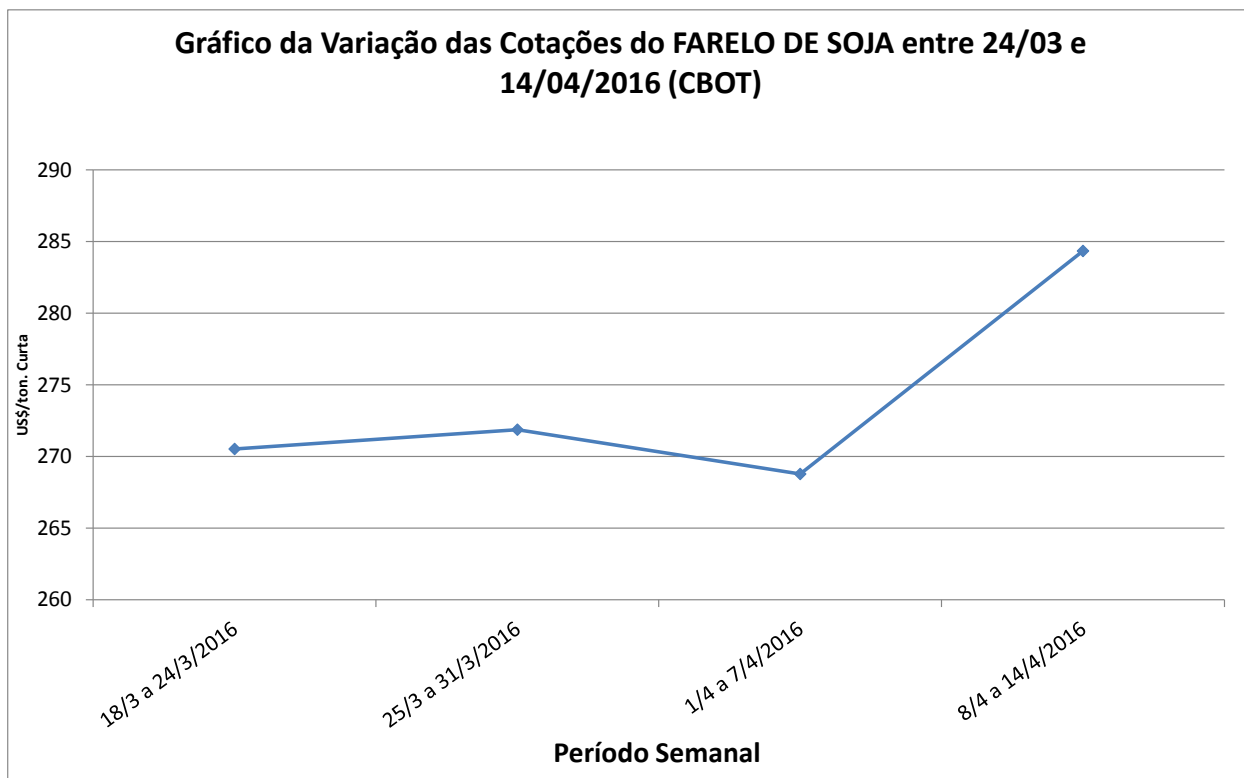
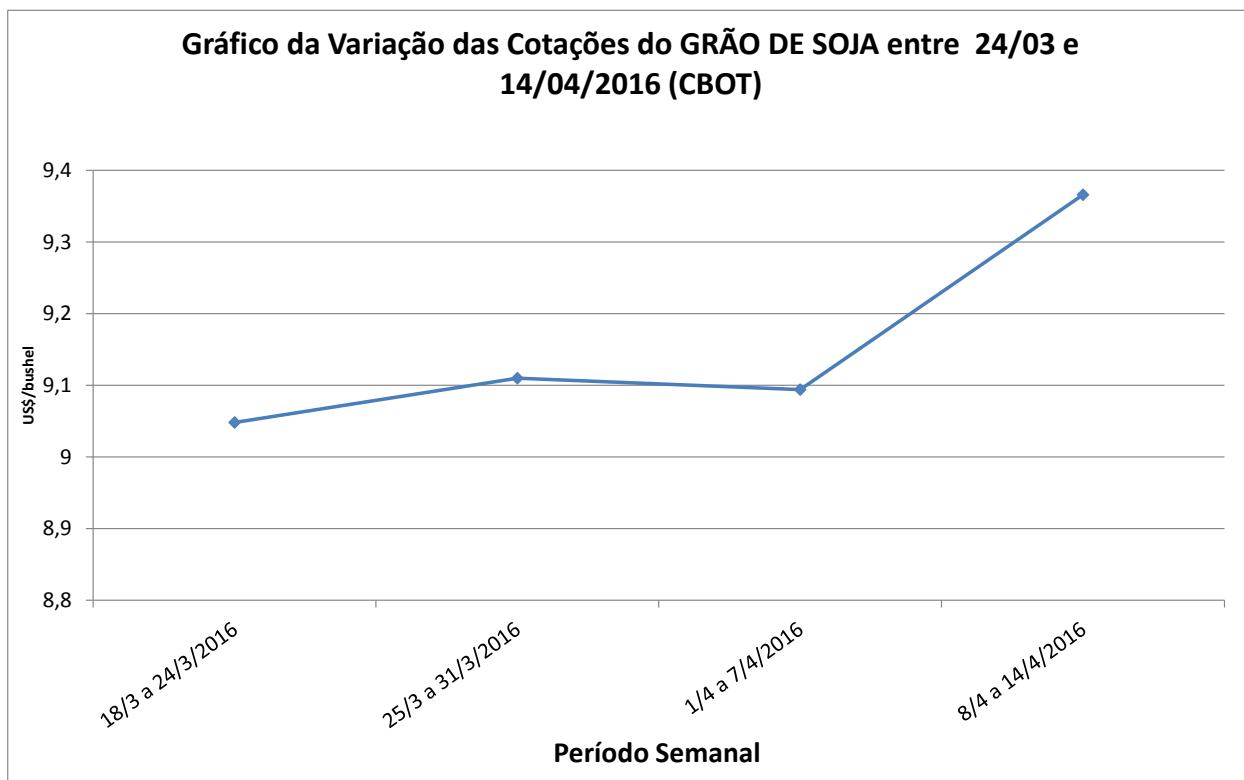
Aqui no Brasil, a nova valorização do Real acabou retirando, em boa parte, os ganhos procedentes do aumento de preço do bushel em Chicago. Com um Real a R\$ 3,48, o saco de soja, na média gaúcha de balcão, acabou fechando a semana em R\$ 67,52, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 70,50 e R\$ 71,50/saco. Nesse momento, os preços da soja estão mais baixos do que os praticados no ano passado no balcão gaúcho. Na segunda semana de abril de 2015 o saco de soja, em média, era cotado a R\$ 70,49 (preço corrigido). Também o preço atual está mais baixo do que a média de um mês atrás, que foi de R\$ 68,64/saco. Todavia, se tomarmos a média dos últimos cinco anos (2011 a 2015), a preços corrigidos, para abril a mesma é de R\$ 63,98/saco. Ou seja, o balcão gaúcho ainda registra um aumento real de 5,5% (cf. Emater). Como a produtividade média gira ao redor de 50 sacos/hectare, ficando dentro da normalidade para anos de clima satisfatório, a rentabilidade real dos produtores gaúchos tem sido pequena se considerarmos aqueles que estão vendendo o seu produto no período da colheita. Isso reforça ainda mais o acerto daqueles que venderam antecipadamente sua safra (cerca de 40% do total) e chegaram a pegar entre R\$ 75,00 e R\$ 80,00/saco.

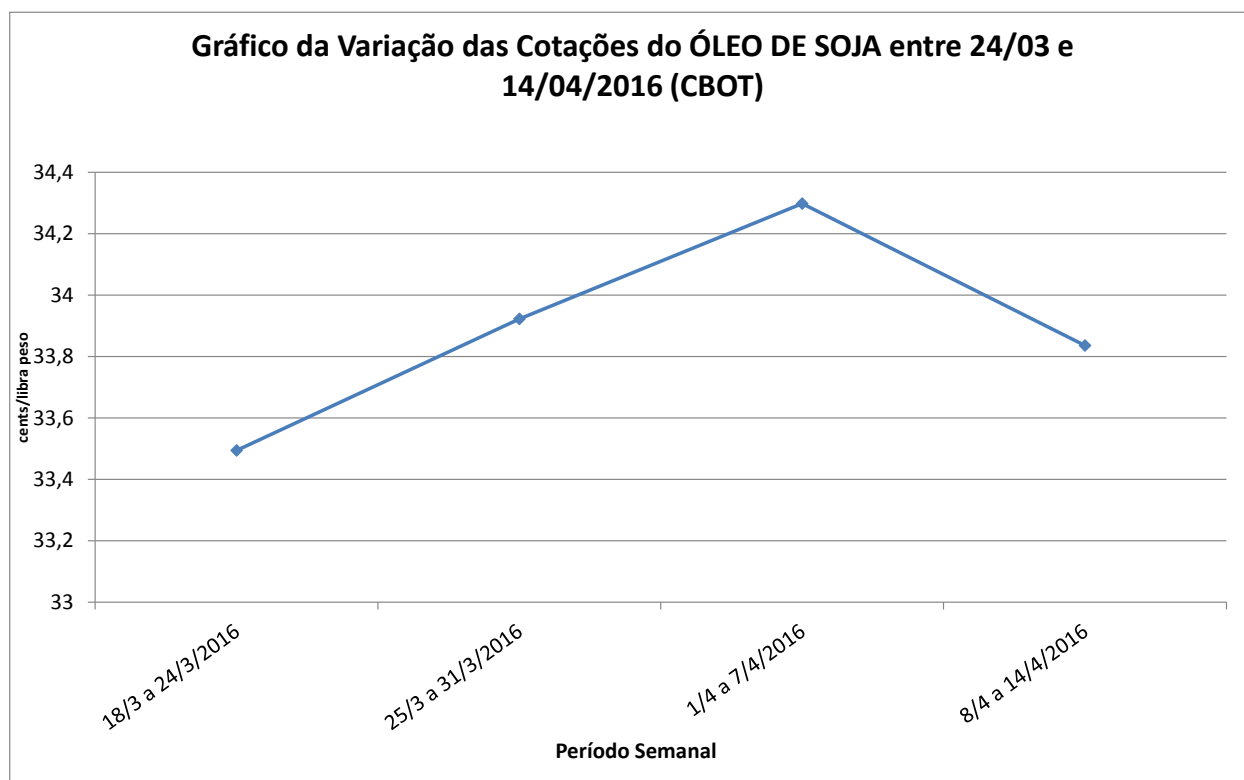
Nas demais praças nacionais, nesta semana, os lotes oscilaram entre R\$ 59,00/saco em Sorriso (MT) e R\$ 72,00/saco em Pato Branco (PR).

Dito isso, é bom alertar que o movimento cambial no Brasil é extremamente especulativo, girando em torno das questões políticas. Os fundamentos da economia não permitem esperar que o Real permaneça nos atuais níveis até o final do ano. Em quadro político sendo ultrapassado, dependendo do seu resultado, o Real poderá voltar a níveis entre R\$ 3,80 e R\$ 4,00. Para tanto, um dos resultados que motivaria isso seria o impedimento da presidente Dilma não ocorrer, já que o sistema financeiro e bursátil vem apostando em favor deste impedimento.

Enfim, segundo a AgRural, a colheita nacional da soja, no início de abril, teria atingido a 76% do total, contra 73% na média histórica. Em Santa Catarina, a mesma chegou a 46%, contra 75% no ano passado nesta mesma época. Em Minas Gerais os trabalhos estão adiantados, com 76% colhidos, contra 56% há um ano. No Mato Grosso, a mesma atingiu a 96%, no Mato Grosso do Sul 99%, Goiás 92% e Paraná 94%. No Rio Grande do Sul, até o dia 12/04 a colheita chegava ao redor dos 50% da área, havendo atraso em muitas regiões devido às chuvas.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 24/03/2016 a 14/04/2016.





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago subiram um pouco nesta semana, puxadas pelo relatório de oferta e demanda do USDA (12/04), embora o mesmo não tenha trazido grandes novidades. O fechamento da quinta-feira (14), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 3,74/bushel, após US\$ 3,61 uma semana antes.

O relatório do USDA manteve a safra 2015/16 em 345,5 milhões de toneladas nos EUA (já colhida), enquanto os estoques finais para esse ano ficaram um pouco maiores, em 47,3 milhões de toneladas. Com isso, o patamar de preços médios aos produtores estadunidenses de milho gira, agora, entre US\$ 3,40 e US\$ 3,70/bushel, contra a média de US\$ 3,70 no ano anterior e US\$ 4,46/bushel em 2013/14. Em termos mundiais, a produção global foi aumentada para 972,1 milhões de toneladas e os estoques finais para 208,9 milhões de toneladas. A safra brasileira permaneceu projetada em 84 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina foi aumentada para 28 milhões de toneladas. O Brasil deverá exportar, em 2015/16, um total de 28 milhões de toneladas segundo o USDA.

Afora isso, a semana indicou que as vendas líquidas de milho por parte dos EUA atingiram a 945.200 toneladas na semana encerrada em 31/03. O número ficou ainda 5% abaixo da média das quatro semanas anteriores. Para 2016/17 as vendas decepcionaram, pois atingiram a 175.100 toneladas enquanto o mercado esperava algo entre 800.000 e 1,2 milhão de toneladas.

Por sua vez, como fator altista temos o clima. O mesmo está atrasando o plantio nos EUA e a colheita na Argentina. Nessa época esse é um fator decisivo junto ao mercado.

O mercado estadunidense espera, igualmente, que os embarques de milho melhorem já que o Brasil está praticamente ausente das exportações, por falta de produto e pela valorização do Real.

Paralelamente, na Argentina e no Paraguai a tonelada FOB para exportação aumentou de preço, fechando a semana respectivamente em US\$ 171,00 e US\$ 145,00.

Aqui no Brasil, os preços continuam em alta. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 41,09/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 51,00 e R\$ 52,00/saco. A título de comparação, um mês atrás o saco de milho valia R\$ 36,41 na média gaúcha. Já um ano antes, em valores corrigidos, o produto valia R\$ 26,55/saco e na média de cinco anos (2011-2015) o saco, também em valores corrigidos, chega a R\$ 29,19. Ou seja, o milho registra uma importante valorização, com ganhos expressivos nesses períodos. Nas demais praças nacionais, nesta segunda semana de abril de 2016, os lotes registraram valores entre R\$ 36,00/saco em Sorriso (MT) – algumas regiões deste Estado já praticam R\$ 40,00/saco – e R\$ 51,00/saco em Santa Catarina.

A principal preocupação agora é com o clima seco nas regiões de safrinha, onde já há perdas irreversíveis. Falta verificar o volume destas perdas. A tendência, nesse novo contexto, é de os preços não baixarem muito no segundo semestre, permanecendo o chamado “estresse” de oferta no mercado até o final do ano. Por enquanto, os negócios com milho safrinha continuam travados no país e os preços ainda não refletem esta quebra. Paranaguá, por exemplo, praticou valor de R\$ 31,50/saco para agosto/setembro. Porém, tais valores estão longe dos interesses dos vendedores (cf. Safras & Mercado).

Em Estados como Rio Grande do Sul e Santa Catarina, a oferta continua limitada, mantendo os preços elevados e sem perspectiva de recuo no médio prazo.

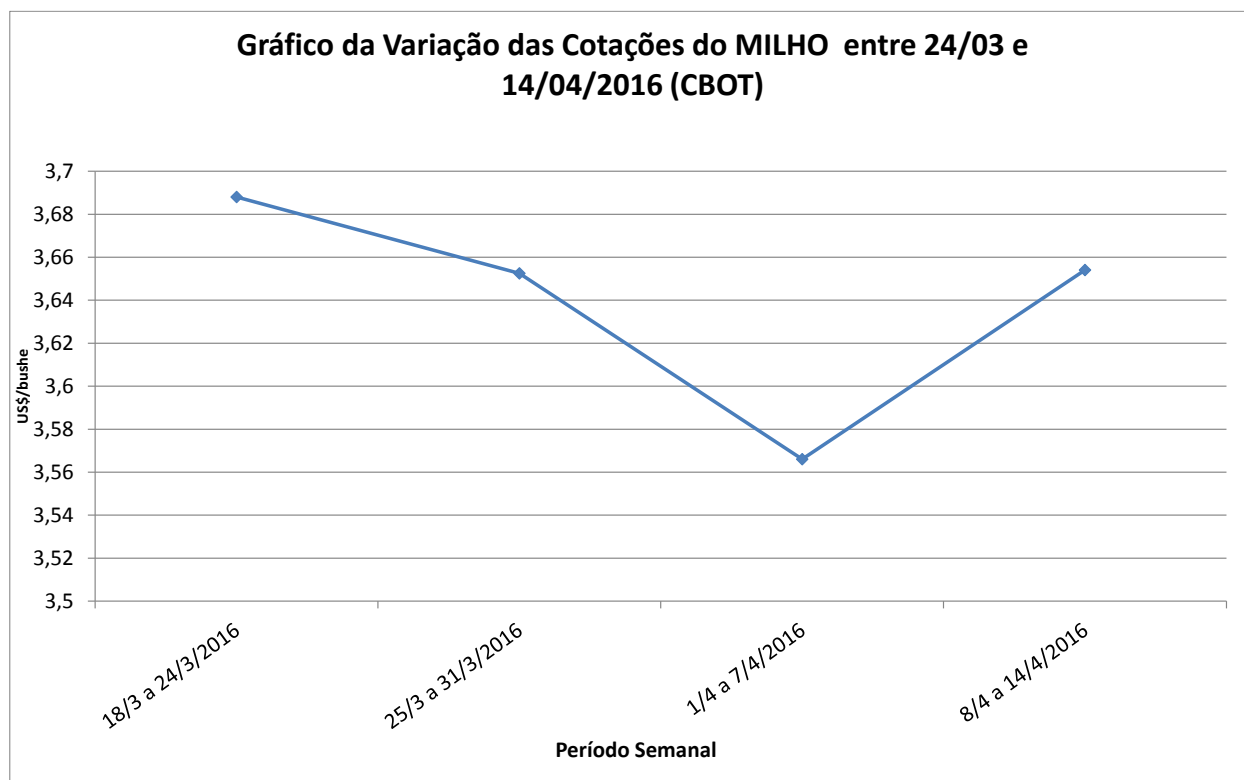
No país, em geral, muitos compradores operam no limite de seus estoques, comprando o que estiver disponível no mercado. O referencial Campinas permaneceu em R\$ 52,00/saco CIF.

O clima seco e sem previsões de chuva deixa as regiões produtoras da safrinha em alerta máximo, pois o milho está em polinização em muitos locais. Nesse contexto, Goiás é um dos Estados mais atingidos. Em Minas Gerais, enquanto o final da colheita de verão acontece, a safrinha local enfrenta graves riscos de perdas.

Se por um lado a oferta começa a ficar cada vez mais comprometida no Brasil, diante deste problema na safrinha, por outro lado as exportações estão sendo atingidas pela forte valorização do Real nos últimos tempos. Um Real abaixo de R\$ 3,50, como esteve nesta semana, compromete a competitividade do milho brasileiro nas exportações. Se isso continuar e a quebra da safrinha se confirmar aguda o Brasil não exportará 30 milhões de toneladas nesse atual ano comercial como se esperava.

Assim, para o primeiro semestre a crise de oferta é evidente e não há grandes mudanças previstas para tal realidade, mesmo que ocorram importações da Argentina. Para o segundo semestre, este fator novo da seca na safrinha passa a indicar problemas igualmente na oferta para o final do ano. Em suma, para os consumidores brasileiros de milho o ano de 2016 se mostra cada vez mais difícil e caro.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 24/03/2016 a 14/04/2016.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago, nesta semana, tiveram fortes oscilações. O primeiro mês cotado, após ter recuado para US\$ 4,47/bushel no dia 11/04, acabou se recuperando para fechar a quinta-feira (14) em US\$ 4,59.

O relatório de oferta e demanda do USDA, deste dia 12/04, pouco trouxe de novidades. O mesmo manteve a safra 2015/16 dos EUA em 55,8 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais para o mesmo ano ficaram em 26,6 milhões, com leve aumento em relação a março. Tanto é verdade que o patamar de preços médios aos produtores dos EUA não foi alterado, ficando entre US\$ 4,90 e US\$ 5,00/bushel para o corrente ano comercial, contra US\$ 5,99 na média de 2014/15 e US\$ 6,87 dois anos antes.

Em termos mundiais, a produção global soma agora 733,1 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais somam 239,3 milhões. A produção da Argentina foi aumentada para 11,3 milhões de toneladas, enquanto a brasileira permaneceu em 5,5

milhões. O Brasil, conforme o relatório, deverá importar 6 milhões de toneladas em 2015/16.

O recuo das cotações se deu particularmente pela previsão de chuvas nas Planícies produtoras do cereal nos EUA. Posteriormente, com a elevação das cotações da soja e do milho, houve um ajuste técnico para cima, com tomada de lucros por parte dos operadores na Bolsa.

Enquanto isso, as inspeções de exportação de trigo por parte dos EUA atingiram a 339.226 toneladas na semana encerrada em 07/04. Esse volume é menor do que o registrado no mesmo período do ano anterior, que foi de 471.674 toneladas. Por sua vez, as vendas líquidas de trigo, na semana encerrada em 31/03, ficaram negativas em 58.100 toneladas. Para o ano 2016/17 se esperava algo entre 200.000 e 450.000 toneladas, porém, o volume ficou em 159.300 toneladas.

Já a tonelada FOB para exportação, nas diferentes regiões produtoras do Mercosul, permaneceu entre US\$ 170,00 e US\$ 200,00.

No Brasil, os preços continuaram estáveis, com o balcão gaúcho fechando a semana em R\$ 33,63/saco, enquanto os lotes continuaram em R\$ 680,00/tonelada ou R\$ 40,80/saco. Já no Paraná os lotes permaneceram entre R\$ 780,00 e R\$ 800,00/tonelada (R\$ 46,80 e R\$ 48,00/saco). Um mês atrás, o balcão pagava R\$ 33,52/saco. Em valores corrigidos, um ano atrás o valor era de R\$ 29,66, enquanto a média de cinco anos (2011-2015) atingiu a R\$ 33,54/saco.

O mercado está parado, com poucas expectativas de negócios até meados de maio, já que a indústria aproveitou o câmbio favorável e aumentou as importações em março. Foram compradas 634.900 toneladas naquele mês, sendo que 36.000 se destinaram ao Paraná e 87.100 ao Rio Grande do Sul. O restante foi para os demais Estados da Federação. Desse total importado, 466.900 (73,5%) procederam da Argentina e 112.400 toneladas dos EUA. O Brasil exportou trigo de baixa qualidade (ração) num total de 275.000 toneladas em março, sendo 65.500 oriundas do Paraná e o restante do Rio Grande do Sul.

Apesar de uma clara tendência de redução de área no próximo plantio de inverno, isso não significa melhoria de preço. Tudo irá depender do câmbio. Em o mesmo se mantendo ao redor de R\$ 3,50 por dólar, as compras externas, especialmente da Argentina, ficarão competitivas e os moinhos darão prioridade às mesmas. O contrário também é verdadeiro. Além disso, salvo uma safra muito boa, a oferta de trigo nacional de qualidade superior deverá continuar fraca. Assim, uma recuperação de preço pode ocorrer para o final do ano, porém, para isso existem condicionantes que ainda não estão claros no momento.

Por enquanto, com a baixa liquidez do mercado interno brasileiro, os preços do produto nacional estão ainda 5% acima dos preços do similar paraguaio, 2% acima do produto uruguaio e 1% abaixo do preço do produto argentino (cf. Safras & Mercado).

Enfim, a moagem de trigo no Brasil deverá atingir a 9,85 milhões de toneladas, contra 10,3 milhões no ano anterior, fato que leva a uma redução no volume final a ser importado (o mesmo recua de 6,5 para 6 milhões de toneladas, segundo o USDA).

Mesmo assim, o estoque de passagem, em julho de 2016, será menor do que um mês de consumo, ficando em 770.000 toneladas (cf. Safras & Mercado).

Vale ainda destacar que o Ministério da Agricultura brasileiro definiu os novos preços mínimos do trigo para 2016. O trigo Pão e Melhorador, tipos 1 e 2, na Região Sul, ficou em R\$ 644,20/tonelada (R\$ 38,65/saco), no Sudeste será de R\$ 708,83/tonelada (R\$ 42,52/saco) e no Centro-Oeste a tonelada passa a valer R\$ 737,70 (R\$ 44,26/saco). Nas regiões Sul e Sudeste o aumento foi de 10,5% sobre o ano anterior, vigorando a partir de 1º de julho. Diante dos custos de produção em elevação, tal reajuste não empolga os produtores do Sul do Brasil, após duas safras consecutivas frustradas.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 24/03/2016 a 14/04/2016.

